

Um Gosto pela Imperfeição

*Em memória de Klaus Teichgräber,
confidente de Jaime Ramos.*

«Tudo o que aconteceu depois foi completamente
irreal, porque era demasiado real.»

MAI JIA

AMAR AS FEIAS PARA SER AMADO PELAS BONITAS. Jaime Ramos pensava nisso quando olhava para a fotografia de Esther Graydon, o seu cabelo demasiado loiro para ser verdadeiro, com madeixas platinadas que caíam sobre os ombros maduros ou, às vezes, escondendo os olhos claros que nunca saberia dizer se eram castanhos ou verdes, porque não reparava nos olhos. Vou perguntar-lhe o seguinte, senhor inspetor: em que coisas repara numa mulher? «Nos olhos.» Mentira. Os olhos, sim, estão no quadro — olhamos para o quadro, um retângulo de luz numa parede sem cor —, mas há mais. A boca. As mãos. Os dedos. Os braços. «O que valoriza mais numa mulher?» Os olhos. O riso. A inteligência. O humor. Os olhos de Esther Graydon, portanto: as sobrancelhas arqueadas que pareciam desenhadas a carvão cinza, deixando uma pequena ruga permanente a separá-los.

Estas coisas aprendem-se na literatura. Maravilhosas descrições, tão maravilhosas que aparecem na literatura — não porque aconteçam de verdade. Por isso ele gostava de fotografias; foi ao observá-las melhor que decidiu que devia apreciar as covinhas abaixo das maçãs do rosto, um pequeno sinal

(reparara no sinal quando ela lhe perguntou se podia sair para ir à casa de banho) aí mesmo, uma sombra no rosto, iluminando aquele retrato de mulher sardenta como deviam ser as inglesas a meio da vida, ou passados os anos de aprendizagem.

Numa fotografia mais antiga («Conseguimos sempre estas coisas, Isaltino, há sempre um arquivo disponível para a nossa curiosidade, somos sempre protegidos pela sorte», dissera ele ao pobre homem que estava prestes a adormecer sentado à secretária, altas horas da noite), Esther Graydon tinha cabelo escuro, quase preto, e um sinal muito maior no rosto. Ele não o vira. Vinda do laboratório, Olívia explicara-lhe que tinha sido retirado numa intervenção a laser. Na face direita. O sinal desaparecera. Varrido. O rosto de Esther Graydon melhorou bastante sem esse sinal, uma espécie de nódoa negra na face direita, e ela deixara de usar o cabelo loiro falso, o platinado falso, as unhas pintadas de vermelho, rosa, bordeaux, rubi, escarlata, carmesim, terracota, cereja. Mostrava o seu pescoço alto (aí sim, havia um sinal, justamente onde o pescoço passava a ser ombro), uma ruga permanente na base, o sinal da passagem do tempo.

Na literatura, o tempo suspende-se e deixa marcas; nas fotografias, o tempo passa e deixa rugas.

Algumas mulheres evitam sorrir. Esther Graydon sorri, ri alto, uma série de pequenas rugas forma-se quando ela ri, anunciando que passara os quarenta há já algum tempo, que talvez passe algum tempo dos seus dias a imaginar como chegará aos cinquenta. O sinal (explicava Olívia, mais uma vez) tinha sido retirado em 2008, quando Esther Graydon tinha quarenta e quatro anos. Aos quarenta e quatro anos, considerava Jaime

Ramos, as mulheres começam a rejuvenescer. Não se trata de um milagre; é apenas um acontecimento muito conveniente, para que o tempo recomece quando estava escrito que a vida começa a desiludir. Por isso, o rosto de Esther Graydon ganhava formas mais subtis, apetece olhar para os seus ombros, as mãos, o lábio inferior.

O que aprecia mais numa mulher, senhor inspetor? Os olhos. O riso. Depende, pensava ele enquanto abria a pequena caixa onde guardava as cigarrilhas escuras. Tabaco negro, doce e amargo. Inclinou-se para trás e rodou a cadeira de modo a ficar voltado para a janela aberta por onde entrava o ruído da chuva de sábado, à entrada do verão. A chuva de sábado tinha um som especial, diferente do de domingo — mais solitário, triste, grave. Ao contrário da maior parte das vezes encontrou o isqueiro no bolso à primeira tentativa, o que impedia que o rosto de Esther Graydon desaparecesse por entre a chuva. Tem a vertigem dos cinquenta anos, pensou ele enquanto acendia a cigarrilha e via o fumo procurar uma saída conveniente através da janela, para que ninguém reparasse que o senhor inspetor Jaime Ramos fumava no interior do edifício (na verdade quase todos sabiam, era o segredo mais partilhado entre investigadores e funcionários).

Em que coisas repara primeiro numa mulher? Seja sincero. Nos seios. Nas mamas. Nas mãos. No volume das coxas. Nos dedos. As mãos e os dedos — e Jaime Ramos imagina como Esther Graydon toca e afaga um pénis. O peito, visto de frente e de perfil. O volume das coxas quando ela se levanta e anuncia que vai à casa de banho, deixando atrás de si um vazio ocupado por um perfume espesso e doce (madeira, especiaria, veludo,

uma reminiscência). Velho, velho, estás a ficar velho demais, muito mais do que Esther Graydon, que regressa daí a pouco («Posso ir à casa de banho?») — ele observa de novo o volume das coxas e tenta adivinhar como será a sua roupa interior, por debaixo das calças, os jeans justos, as botas quase até aos joelhos, um calor de algodão claro, discreto, confortável. O que valoriza mais numa mulher? Ela ri alto, imagina Esther Graydon a rir alto numa tarde de sábado como aquela: uma casa em Garforth, no Yorkshire, uma aldeiazinha com um presbitério em ruínas, como nos livros (Rosa obrigara-o a ler *Orgulho e Preconceito*). Por detrás, um retrato de Colin Graydon, vice-almirante, as orelhas salientes, o rosto muito branco, uma carreira militar com direito a biografia oficial, retratos nas paredes daquela sala onde arde lenha de carvalho, troncos que sucumbem à chama que os consome lentamente. Retratos de família, grupos de militares fardados com as cores da Royal Navy, divisas, galões, medalhas, colarinho perfeito de uma camisa branca, um título atribuído pela Rainha. A mãe de Esther Graydon é, portanto, Lady Graydon, o vice-almirante levou-a consigo para Hong Kong e para o Quênia (há uma fotografia do vice-almirante Colin Graydon em Diego Garcia, o cumprimento do dever durante a estada do casal em Nairobi). Depois, uma breve passagem pelo Panamá, Chipre e Austrália. Ao largo da Austrália, a bordo de um iate em que Esther descansa, o braço fora da amurada desenhando um arco contra o céu azul onde um par de nuvens passou junto do vazio do horizonte.

«Umás férias maravilhosas», lembrou Esther Graydon, pensando na Austrália. O Grande Recife de Coral, as praias de areia amarela, flamejante, as cidades cheias de gente vestida de caqui,

rosada, sorridente, sardenta, aloirada, filhos e netos de presbiterianos e puritanos — ou de condenados ao degredo. Porém, Austrália à parte (e Hong Kong), certo verão o vice-almirante arrastou a família para umas férias no Douro, Portugal, um país isolado do resto do mundo e onde o sol incomoda até a humanidade ser salva pelo crepúsculo, pelos grilos que substituem as cigarras, e pela presença de antepassados britânicos que morreram de cirrose hepática. Velhos conhecidos, portanto: uma quinta nos declives abaixo de São João da Pesqueira, de onde se via o rio a partir de uma piscina que parecia uma intrusão desnecessária diante do casarão caiado de branco, coberto de trepadeiras escuras e de roseiras podadas todos os anos.

«Oh, o calor, o calor abafado, o cheiro das vindimas, *lovely*, nunca esqueceria.» Esther Graydon olha para essa foto e parece recordar — como uma adolescente tardia —, regressar, voltar vinte e cinco anos atrás, à estrada de São João da Pesqueira para Ervedosa, ao miradouro de São Salvador do Mundo, ao quarto de chão encarnado e lavatório de ferro, à sala de jantar onde o vice-almirante e Lady Graydon apareciam pontualmente à hora de jantar, oito e meia: o crepúsculo chega com as suas sombras suaves, as lâmpadas dos candeeiros acendem-se para mostrar o relevo daquelas lombadas de livros, monografias de aldeias da Cornualha e literatura de viagem (aborígenes, Índia, Quênia, Provença, Toscânia). Comida do Douro. Ingleses que se reencontram e tosse na varanda, de charuto na mão, colarinhos engomados. O vice-almirante e Colin Bowden frequentaram a mesma escola — um colégio em ruínas onde jogaram rãguebi e, em sábados de primavera, beberam xerez falsificado e barato. Colin Bowden descobriu Portugal em 1968, quando

a Europa fervia de desarrumação e falava uma espécie de francês ordinário e desorganizado das ruas de Paris — São João da Pesqueira era um refúgio nas montanhas daquele país aparentemente cheio de história, pobre, disponível para estrangeiros respeitadores. Ele era respeitador. Respeitava o país, assistiu pela televisão ao funeral de Salazar, «*that old mumpish man*», recebia um pacote do *Times* pelo correio, apenas com quatro dias de atraso em relação ao último dia de edição. Passava as duas tardes seguintes a sorrir, lendo o *Times*, os comentários atrasados sobre futebol, o boletim de atividades em Kensington, a secção de jardinagem, os obituários. Um dia enviara uma carta ao editor do *Times*, e ali aparecia, ali estava: Colin Bowden, Earls Barton, Northamptonshire (não São João da Pesqueira), queixando-se, «Sir», do modo como «os continentais» ignoram, «Sir», os nossos costumes ou tentam enganar-nos quando estamos a negociar uma *property, a small villa in the south*. Portanto, Mrs. Bowden cuidava da família enquanto ele fazia as palavras-cruzadas do *Times* e corrigia as obras na adega, que ele quis copiar de um livro com uns retratos de *villas* na Toscana, até que o empreiteiro — um vilão que aparecera vestido como um snobe, a falar inglês, tão desafiador como se tivesse nascido em Cardiff, no coração do País de Gales — lhe explicara que isso lhe sairia caríssimo e seria desnecessário. Ali nevava poucas vezes, como Bowden explicou ao vice-almirante Graydon, cálice de Porto na mão; os verões eram inclementes e secos; os hábitos, eram mais desmazelados do que na Toscana. E havia uma tradição, toda a gente ficaria encantada se Mr. Bowden mantivesse a tradição. Mr. Bowden acabou por manter a tradição, sim, ele manteve a tradição, mesmo sem saber de que tradição se tratava

— a cal, a sombra, as madeiras que rangiam, os telhados de quatro águas, a varanda cheia de vasos com malva e roseiras de Santa Teresinha. O que ele queria, a princípio, que fosse uma *villa* da Toscânia transformou-se num casarão branco que dominava, com os dois torreões de granito, uma quinta que produzia um vinho simples, artesanal, descolorido, com pouco sabor. Era aí que, todos os verões, Mr. Bowden recebia convidados de Inglaterra, mesmo depois de Mrs. Bowden ter adoecido em dezembro de 1995 — e de a morte a ter levado, suavemente, um ano depois.

No regresso do funeral, uma cerimónia triste e esperada (um cancro), o apartamento de Londres pareceu a Mr. Bowden demasiado acanhado para um viúvo que não queria ser viúvo e que sonhava ter casado com Vivien Leigh. Foi nessa altura que decidiu voltar definitivamente para Portugal, onde a quinta de São João da Pesqueira já não precisava de obras e ele gostava de ser esperado pelos dois cães Serra da Estrela que o caseiro considerava muito próprios para um estrangeiro culto, solitário e que dizia palavras com bastante fleuma, como um diplomata reformado. Foi nessa condição que resolveu retirar-se para o Douro, como um diplomata reformado e solitário — tão solitário que o vice-almirante Graydon passou a visitá-lo todos os anos a partir daí, arrastando Mrs. Graydon e a filha Esther, divorciada de um corretor da bolsa que tinha conseguido falir quando todos enriqueciam na sua empresa.

Esther Graydon (que retomou o apelido de família dispensando o do seu marido, Lorre-Woods) gostou do Douro, gostou de Portugal e decidiu mudar-se para o Porto em 2002: falava um português tingido de espanhol, ainda não tinha quarenta

anos e a filha dava-se bem com o clima. O vice-almirante ajudou com algum dinheiro, o suficiente para mobilar um apartamento de onde se viam o rio e o areal da Afurada. Tudo era tão simples que Jaime Ramos reconstituiu estes elementos sem esforço.